

## Três casos de sucesso na periferia da cidade de Pelotas R.S, Brasil: um estudo com alunos do curso de Licenciatura em Matemática

**Nádia Regina Barcelos Martins**

Escola Municipal de Ensino Fundamental Doutor Mário Meneghetti  
nadiabarcelosmartins@yahoo.com.br

### Introdução

No dia 29 de dezembro de 2004, foi fundada no bairro Getúlio Vargas da cidade de Pelotas, RS, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Doutor Mário Meneghetti. A construção da escola foi o resultado de movimentos sociais do bairro que exigiram a construção de um novo espaço escolar, pois a única escola que existia no bairro – Escola Municipal Getúlio Vargas – não contemplava as necessidades locais. A escola Mário Meneghetti recebeu inicialmente o nome de “Getúlio Novo”. É nesse local e nesse bairro que o estudo que aqui apresento será desenvolvido.

Esse projeto tem como objetivo relatar a trajetória de três alunos da escola e moradores do bairro que hoje são acadêmicos do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Pelotas.

Furtos, assassinatos, prisões, tráfico, tiroteios e mortes de alunos ou de seus familiares fazem parte do cotidiano do bairro transformando-o em um dos “lugares mais perigosos da cidade”. Nossa realidade reflete-se na escrita de Abramovay (2005, p.276), quando esta menciona que “como se percebe, as características econômicas e sociais do bairro e da comunidade, ao lado dos episódios concretos de violência, são fatores que alimentam medo, comprometendo o clima escolar,”

Ainda em Abramovay (2005, p.275) os “diretores dizem que quando a comunidade é violenta, isso influi no comportamento dos alunos, trazendo para dentro da escola a lei do mais forte, aquela que predomina na rua.” Em outras palavras, o discente reflete dentro de seu educandário o que é na rua. Se por acaso for o “braço direito” do chefe do tráfico, será temido, respeitado pelos demais colegas; podendo apenas encontrar quem o desafie, se houver algum estudante que pertença a um grupo rival do mesmo.

Em uma reportagem no jornal de maior tiragem da cidade, dois jornalistas, Halpern e Piegas (2013, p.2-3), relataram que houveram cinco assassinatos no bairro Getúlio Vargas, em aproximadamente 8 meses, o que representa um dos maiores índices se comparado com os crimes ocorridos em outras localidades. Desses óbitos, três casos são familiares de nosso alunos. A maioria dos crimes ocorrem em decorrência do uso do crack ou similares. São dívidas pagas com a própria vida. Levando-se em conta que nesses dados não estão inseridos os furtos, vendas de drogas e pessoas que tiveram envolvimento em brigas de gangues. Apenas foram relatados os homicídios ocorridos no bairro.

Embora os dados acima citados apontem para uma realidade dura, percebe-se que a escola, no interior desse espaço considerado violento, proporcionou oportunidades de estudo e de socialização para muitas pessoas, incluindo alunos e a comunidade. No primeiro ano de funcionamento, havia ao redor da mesma, alguns pontos de drogas e lugares de prostituição. Já no segundo ano, esse número foi diminuindo e dando lugar a moradores que viam na escola uma possibilidade de realizar sonhos de seus filhos, pais comprometidos com a educação e preocupados com o futuro de seus filhos.

Mobilizada por essas pessoas, que acreditam que a escola é um espaço de aprendizagem e que embora permeado pelas questões de violência da sociedade e mais proximamente do seu bairro, pode promover melhores condições de vida social e individual, relações afetivas e ser realmente um espaço de aprendizagem no qual transitam pessoas das mais diversas identidades é que procurei nos meus ex alunos da escola, aqueles que optaram por seguir a minha profissão e com eles tecerei um texto sobre suas trajetórias da escola de Ensino Fundamental até o Curso de Licenciatura em Matemática.

Três jovens, dois do sexo masculino e uma do sexo feminino são os três ex-alunos que circulam pelos mesmos corredores do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Pelotas, caminhos que em alguns anos atrás já percorri. É a história de sucesso destes três discentes que almejo retratar em minha pesquisa.

Esse estudo foi aprovado na seleção de Mestrado Profissionalizante em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Pelotas, e está em sua fase inicial.

## Metodologia

Para realizar esse estudo primeiramente pretendo entrevistar pessoas do bairro que participaram da construção da Associação dos Moradores do Bairro Getúlio, e a antiga e atual diretora do “Menega”<sup>1</sup>, salientando que a escola possuiu somente três diretoras. Serão realizadas entrevistas semi-estruturadas com a finalidade de conhecer a história do bairro e a história da escola, será solicitado que relatem as características do bairro e a construção da escola. Pretende-se com esses dados demonstrar a importância da escola e sua contribuição para a comunidade. Assim como Thompson acredito que

Uma entrevista não é um diálogo, ou uma conversa. Tudo o que interessa é fazer o informante falar. Você deve manter-se o mais possível em segundo plano, apenas fazendo algum gesto de apoio, mas não introduzindo seus próprios comentários ou histórias.  
(THOMPSON, 1992, p.271)

---

<sup>1</sup> Menega é a maneira carinhosa como nós, professores, nos referimos à Escola Municipal de Ensino Fundamental Doutor Mário Meneghetti.

Com meus três ex-alunos da escola, hoje estudantes do curso de Licenciatura Plena em Matemática, da UFPEL, pretendo coletar informações de suas trajetórias desde a 5ª série até os dias atuais com o intuito de conhecer a partir de suas falas como experimentaram esse tempo em que foram atrás de um sonho, suas expectativas, medos, anseios etc. Para essa finalidade será realizada uma entrevista aberta, que será gravada e posteriormente decodificada e analisada. Considera-se esses alunos como referência em sucesso escolar, pois o índice de alunos dessa escola que chegam a Universidade é de 1,7% aproximadamente.

O conceito de sucesso escolar será problematizado nesse estudo, inicialmente concorda-se com Perrenoud (2003) quando diz que “tudo muda quando se trata de sucesso escolar. É possível, mas não, defini-lo independentemente das exigências, dos critérios e dos julgamentos do sistema educacional”.

Esta pesquisa utilizará fontes orais e fontes escritas. Baseada no pensamento de Pollack (1992) considero que ambas são compatíveis, sendo necessário que sejam analisadas criticamente, o que é tarefa do pesquisador. Para o autor

Se a memória é socialmente construída, é óbvio que toda documentação também o é. Para mim não há diferença fundamental entre fonte escrita e fonte oral. A crítica da fonte, tal como todo historiador aprende a fazer, deve, a meu ver, ser aplicada a fontes de tudo quanto é tipo. Desse ponto de vista, a fonte oral é exatamente comparável à fonte escrita. (POLLACK,1992, p.208).

Acredito que o relato de experiências vivenciadas, a partir das entrevistas, será um ponto de forte impacto para esta pesquisa, pois segundo Portelli (2010, p.27) a história oral é, principalmente, um modo de deixar a política e as condições sociais vivas e tangíveis, evidenciando seu impacto sobre a vida de determinadas pessoas. A história oral é uma ferramenta de pesquisa que trará consistência a esse estudo, sabe-se que as histórias passadas não voltam, mas as histórias desses alunos serão relances de Memória contados sobre seu ponto de vista.

Para complementar os dados sobre o bairro e a escola, se utilizará de jornais locais e de documentos da escola. As notícias locais veiculadas na mídia escrita que tratam do bairro Getúlio Vargas e da escola servirão para complementar dados coletados

nas entrevistas orais realizadas com membro da comunidade. Também serão documentos de estudo o Projeto Pedagógico, o Regimento Escolar e fotografias do acervo escolar. O uso deste material terá como uma de suas finalidades comprovar o comprometimento do educandário com a comunidade.

## Conclusão

Enquanto docente, sempre procurei incentivar minhas turmas para que prosseguissem seus estudos. Tentei fazer tudo que pude para motivá-los a continuar, pois somente o conhecimento pode remeter-nos a novos horizontes. Em muitas Olimpíadas de Matemática participamos, diversos passeios fizemos (dentro e fora da cidade) para que os discentes tivessem a oportunidade de conhecer novos lugares, cidades e percebessem que há muito a ser descoberto ainda. Só depende de nós chegarmos lá. Concordo com Abramovay quando fala que

A valorização e o incentivo para que os alunos insistam em continuar estudando, ter algum projeto de mobilidade, contribuem para elevar a autoestima do indivíduo, favorecendo assim a melhoria das relações sociais na escola. As expectativas positivas sobre os alunos podem colaborar para a mudança das relações, tornando-as mais amistosas e tendo impactos significativos no processo de ensino-aprendizagem.  
(ABRAMOVAY, 2005, p.98)

O fato de trabalhar numa escola da periferia, não significa que tenhamos de ter um ensino pobre de incentivo e riquezas que auxiliem as pessoas nas oportunidades que surgirão em seus caminhos. E, se por acaso estas não aparecerem, é papel dos (as) professores (as) dar aos alunos informações que os levem até elas. Muitos pais e os próprios estudantes veem na escola a abertura de portas para melhorarem sua condição financeira e como possibilidade de escolher uma profissão, seja através da continuidade dos estudos ou na inserção no mercado de trabalho. Concordo com Madruga (2005) ao afirmar que “apesar da precariedade e descomprometimento dos órgãos públicos com a permanência e sucesso escolar das crianças oriundas das classes populares, a escola continua representando, para elas e suas famílias, um modo de ascensão social e cultural” (MADRUGA, 2005, p. 115).

Corroborando com a afirmativa dessa afirmativa, Benati ressalta que:

De modo geral, a sociedade espera que a escola cumpra o papel de qualificar os alunos para o mercado de trabalho e, com escolaridade, garantam emprego e um melhor nível social (...) nas camadas sociais mais pobres que veem na escola o único caminho para uma ascensão social. O sucesso nos estudos seria a grande oportunidade oferecida a todos para eliminar muitas desigualdades sociais.  
(BENATI, 2005, p.126)

Logo, a escola é considerada pela comunidade da periferia a maneira de melhorar sua vida econômica e social. Cabe ao professor, fazer uso de seu conhecimento e através deste incentivar, motivar, desafiar seus alunos em busca de aprendizagens que desenvolvam seu interesse por continuar os estudos e identificar-se com uma profissão pela qual lutarão para chegar lá.

Embora esta pesquisa esteja em seus primeiros dias de construção, já é sabido que os familiares e os professores destes três estudantes foram elementos fundamentais para que os mesmos chegassem à Universidade. Esse estudo pretende dar voz a essa comunidade e conhecer os mecanismos que foram utilizados para que esse resultado, chegar à graduação, fosse conquistado.

### Referências Bibliográficas

ABRAMOVAY, Miriam (coord). Cotidiano das escolas: entre violências. Brasília: UNESCO, Observatório de Violência, Ministério da Educação, 2005. 404 p.

BENATI, Magda Raquel Glienke. Sucesso escolar na zona escolar: as razões do improvável. Revista Alfabetização e Letramento. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, v.1, n.1, 2005. 342 p.

HALPERN, Bruno, PIEGAS, Cíntia. Como reduzir a violência?. Diário Popular, Pelotas, 23 dez. 2013. Criminalidade, p. 2-3.

MADRUGA, Janaína da Rosa. Trajetórias de sucesso na escola pública: o caso de duas meninas. Revista Alfabetização e Letramento. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, v.1, n.1, 2005. 342 p.

PERRENOUD, Piilippe. Sucesso na escola: só o currículo, nada mais que o currículo! Cadernos de Pesquisa, nº119 (p. 9 – 27, Julho de 2003). São Paulo: BBE- Bibliografia Brasileira de Educação/INEP, 2003.

POLLACK, Michael. Memória e Identidade Social. Estudos Históricos, vol.5, nº 10, 1992, p. 200 – 212.

PORTELLI, Alessandro. Ensaio de História Oral. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

THOMPSON, Paul. A voz do passado: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.